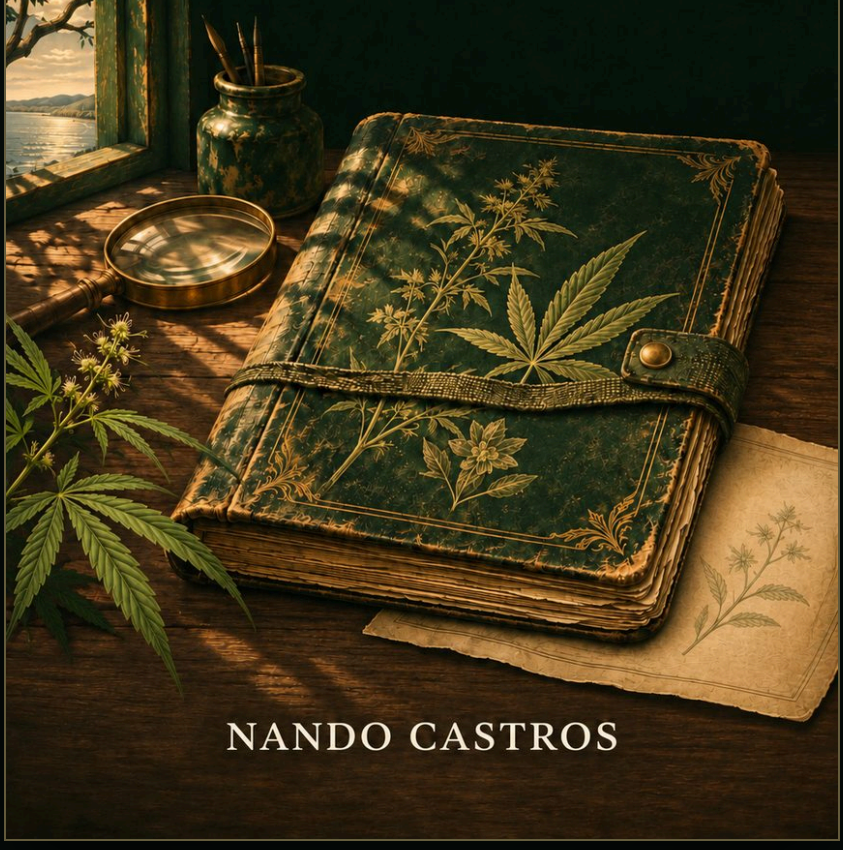
Green Veil

I

A HERANÇA OCULTA

SAGA DE CHAD



NANDO CASTROS

AMOSTRA GRATUITA OFICIAL · PRÓLOGO + CAPÍTULOS 1 E 2

GREEN VEIL · SAGA EM SEIS LIVROS

Green Veil — Livro I

A Herança Oculta

NANDO CASTROS

Amostra oficial gratuita do Livro I da hexalogia Green Veil, composta pelo Prólogo, Capítulo 1 e Capítulo 2 na íntegra.

Todos os direitos reservados © Nando Castros / Grow-X Co. Tecnologias Ltda. Edição de leitura gratuita — reprodução comercial não autorizada.

Página oficial e aviso em primeira mão de abertura nas livrarias: https://greenveil-zeta.vercel.app/#pedido

Prólogo — A chave por dentro

A água já havia alcançado os ovos quando a fêmea voltou.

Desceu de quatro patas pela margem inclinada. As pernas traseiras, mais fortes, sustentavam o peso do corpo enquanto as dianteiras procuravam apoio; a cauda comprida se erguia atrás dela para compensar o declive. A pele de pequenas escamas roçava os ramos, deixando neles um brilho úmido. Era um dinossauro de dorso volumoso e cabeça estreita em relação ao corpo, com a parte da frente do focinho alargada numa borda rígida. Ao baixar essa cabeça entre as folhas, encontrou o ninho parcialmente desfeito. Um pedaço da borda fora levado pelo rio. No lugar onde seu corpo havia comprimido folhas e terra, a corrente deixara uma superfície lisa, marrom, sobre a qual pequenos insetos procuravam apoio. A fêmea aproximou o focinho. O ovo mais próximo girou sob a pressão da água e bateu em outro com um ruído seco.

Acima do vale, nuvens baixas se desfaziam entre as copas. Tinha chovido durante a noite inteira. Das árvores vinha o cheiro das coisas abertas pela umidade: cascas fendidas, frutos partidos, madeira amolecida em cujo interior outros corpos trabalhavam. O rio, antes dividido em canais por bancos de areia, ocupava agora toda a passagem. Levava ramos, folhas, animais mortos. Mais adiante, um tronco preso entre duas pedras curvava a água e fazia subir uma espuma cor de barro.

A fêmea empurrou o ovo de volta para o centro do ninho.

Nas terras altas, a enchente continuava a crescer. A fêmea trabalhava junto à margem conhecida, guiada pelo calor conservado na cavidade e pelo contato do focinho com os ovos. Com o focinho, trouxe

material seco de um trecho mais alto. A água atravessou a barreira antes que ela terminasse. A fêmea tornou a subir, tornou a arrancar folhas. Um ruído distante levantou sua cabeça, mas cessou, e ela voltou ao trabalho.

Sob as raízes expostas de uma árvore, um mamífero pequeno recuou para dentro da toca. O teto estava úmido. Ele procurou com o corpo a parte menos fria, esbarrou nos outros, enterrou o focinho no pelo de um deles. A terra lhe devolvia vibrações grandes demais para distinguir. Lá fora, a fêmea se moveu outra vez; uma pedra desceu a margem e fechou parcialmente a entrada.

Havia sessenta e seis milhões de anos entre aquela manhã e os homens que tentariam reconstituí-la.

A margem seria desfeita, suas camadas deslocadas, o próprio curso do rio apagado sob sucessivas paisagens. A fêmea empurrou outro ovo para junto do primeiro.

A luz mudou enquanto a fêmea buscava mais folhas.

Primeiro foi uma claridade sobre as nuvens, distante do sol. Depois as sombras das árvores se moveram numa direção que o vento não explicava. O animal se imobilizou. A boca ainda segurava um ramo; gotas pendiam de suas folhas. Ao redor do vale, outros corpos interromperam o que faziam. Um bando levantou voo das copas e se espalhou sem conservar formação.

O que atravessava o céu tinha vindo de muito longe.

No frio anterior àquela atmosfera, o cometa parecera apenas mais um corpo em deslocamento, matéria seguindo sua trajetória entre outras matérias. Mas sua passagem até a Terra fora escolhida. Seres para os quais aquela distância não era impedimento haviam enviado com ele algo que sobreviveria ao desaparecimento de quase tudo que o cercava.

A Semente.

Dentro dela viajavam duas heranças que os humanos chamariam ADÃO e EVA. Viajavam também as possibilidades de uma planta que atravessaria seus campos, suas casas e seus corpos. Cannabis. Nenhuma dessas palavras existia na Terra sobre a qual a luz acabava de cair.

O motivo ficara com aqueles que tinham escolhido a trajetória.

A fêmea soltou o ramo.

A claridade alcançou o fundo do vale, entrou sob as copas, revelou por um instante cada nervura das folhas voltadas para o céu. O pequeno mamífero se apertou contra os outros. Na entrada da toca, a pedra tremia. A primeira violência veio pelo chão; a seguinte encontrou as árvores e dobrou suas partes mais altas. O rio saltou contra a margem. A fêmea baixou o corpo sobre a cavidade.

Depois, a água passou onde houvera o ninho.

Durante muito tempo, a luz não voltou da mesma maneira.

Houve folhas que secaram antes de abrir. Animais percorreram distâncias que antes não precisavam percorrer e encontraram, no fim delas, a mesma falta. Corpos grandes caíram em lugares onde nenhum outro conseguiu aproveitar toda a carne. Pequenas vidas resistiram em frestas, debaixo do solo, dentro da madeira morta. A fome se estendeu até os lugares antes mais abundantes. Nas clareiras abertas pelas árvores mortas, o frio alcançava o chão durante noites cada vez mais longas.

A toca na margem também desapareceu.

Em outro lugar, sob outra raiz, um animal encontrou abrigo suficiente para atravessar uma noite. Ao amanhecer, saiu outra vez para procurar alimento.

A Semente permanecia. Entre sua chegada e os primeiros humanos decorreriam milhões de anos, atravessados por mudanças pequenas demais para serem vistas durante uma vida. Linhagens inteiras

terminariam antes que aquelas possibilidades encontrassem, em outros corpos, condições para prosseguir.

A água abriu outros caminhos. Pedras expostas viraram solo. Florestas cresceram onde não houvera sombra e recuaram onde o frio se demorou. O mar cobriu terras e deixou outras. Naquilo que persistia havia parentesco; havia também perdas que jamais seriam recuperadas.

Muito depois, uma fêmea de primata estendeu a mão para um filhote que não conseguia alcançar o galho.

Ele se agarrava com força ao que estava prestes a partir. Ela precisou descer mais do que parecia seguro, sustentando o próprio peso numa bifurcação estreita. Quando conseguiu tocá-lo, o filhote não soltou imediatamente o apoio anterior. Seus dedos ficaram presos entre a necessidade de alcançar e o medo de cair. A mãe o puxou contra o ventre. O galho cedeu depois, batendo de folha em folha até o chão.

Outros aprenderiam a fazer coisas observando mãos. Outros guardariam alimento, voltariam por um ferido, trabalhariam uma pedra até que a borda cortasse. Certas maneiras de trabalhar se perdiam; outras chegavam modificadas às mãos de quem observava. A Terra ainda teria muitas paisagens antes de alguém conservar uma história na ausência de quem a vivera.

Perto de um fogo, alguém contaria como uma pessoa morta havia encontrado um caminho. Quem ouvia pediria que mostrasse onde. A história continuaria na manhã seguinte, nos pés que procuravam a passagem.

E, entre as plantas que aquelas mãos conheceriam, uma conservava uma relação com a Semente que nenhum uso cotidiano esgotava.

Da cannabis fariam fibra, guardariam sementes, aprenderiam cheiros diferentes na mesma aparência de folha. Colheitas inteiras

passariam por pessoas que jamais suspeitariam daquilo que carregavam. Em outros corpos, sob condições que ninguém dominava por inteiro, o encontro com a planta abriria uma profundidade difícil de suportar. Depois, ao tentar contar o que tinham sentido, essas pessoas descobririam quanto lhes faltava na própria língua.

◆

A chave estava do lado de dentro da porta.

Elian reparou nela porque Mara tinha perguntado se ele podia sair. Havia uma chave, portanto. Uma argola de ferro, o dente gasto, a haste encostada na madeira. Qualquer pessoa que atravessasse o corredor poderia vê-la. Nenhum ferrolho os separava do pátio onde a roupa secava numa tarde de primavera, por volta de mil trezentos e vinte.

— Posso — disse ele.

Mara esperou.

Elian foi até a porta, abriu-a e deixou o corredor aparecer: parede caiada, uma mancha de umidade junto ao chão, o banco onde os visitantes aguardavam alguém que os conduzisse. Ao fundo havia uma segunda porta, também aberta. Uma mulher passou levando um cesto e os cumprimentou.

— Está vendo?

— Eu perguntei se pode sair comigo.

Ele manteve a mão no trinco por mais um instante. Depois fechou a porta, sem girar a chave.

Mara colocara sobre a mesa um embrulho de tecido. Tinha trazido pão e duas peças de roupa que terminara em casa. A menor ainda conservava uma ponta de linha na manga. Elian conhecia a maneira como ela cortava o fio com os dentes quando não encontrava a lâmina; imaginou-a curvada junto à janela, impaciente consigo mesma, e sentiu

uma saudade estranha, de uma vida à qual tinha acesso apenas por visitas.

— Falei com elas — disse.

— O que responderam?

— Que vão considerar.

— Consideraram no inverno.

— O caminho estava ruim.

Mara olhou a faixa de sol sobre o chão.

Ele se sentou. A cadeira era a mesma em que aprendera a ler, embora já tivesse recebido um novo assento e um reparo no encosto. Durante anos, aquilo lhe parecera prova de continuidade. Agora a memória da infância prendia-se à madeira com uma força incômoda.

A casa o acolhera quando era pequeno. Não lhe faltara alimento. Tivera atenção durante as febres, alguém lhe ensinara os nomes das plantas, outra pessoa passara noites mostrando como comparar registros que pareciam se contradizer. Havia carinho naquele lugar. Elian lembrava de dedos frios segurando sua testa durante uma febre e da alegria escandalosa de uma das mulheres quando conseguira levantar da cama. Se chamasse aquela casa de prisão, teria de ouvir o som da própria palavra depois.

Mara abriu o embrulho.

— Minha irmã vai ficar com o quarto maior. O outro ainda serve.

Elian tocou o pão, mas não o pegou.

— Você já decidiu.

— Decidi que não posso deixar minha vida esperando uma resposta que nunca chega. Sobre nós, vim perguntar.

Ele a conhecera numa tarefa tão comum que depois lhe parecera ofensivo procurar nela um sinal. Mara consertava peças para a casa. Um dia lhe faltara espaço na mesa; Elian afastara um cesto, derrubara

quase tudo que havia dentro e ouvira dela um comentário que o fizera rir enquanto tentava recolher o que caía. Ela não sabia, naquele momento, que ele era alguém sobre quem se escreviam relatórios. Depois que soube, continuou irritada com sua tendência a largar objetos exatamente onde outras pessoas precisavam trabalhar.

Na visita seguinte, ele tentou deixar a mesa livre. Mara entrou, olhou a superfície vazia e perguntou onde escondera o que estava em cima.

— Arrumei.

Ela abriu a arca junto à parede. O cesto caiu de lado, espalhando pelo chão tudo que ele tivera o trabalho de recolher.

Mara se agachou. Elian foi ajudá-la e bateu a testa na borda da mesa. Ficaram sentados entre os objetos, rindo baixo para não atrair alguém do corredor. Quando ela encostou os dedos no lugar da pancada, ele prendeu a respiração.

— Ainda dói?

Ele negou, embora doesse.

Mara se aproximou. O primeiro beijo saiu torto porque Elian tentou se levantar no mesmo instante. Ela segurou sua manga e o trouxe de volta.

Depois ele passou dias encontrando pequenos objetos que tinham rolado para debaixo dos móveis. Guardava-os na mesa. Mara, ao vê-los juntos, sabia de onde haviam saído.

Elian passou a acompanhá-la pelo pátio, depois até o caminho. As conversas aumentaram de duração. Uma das depositárias os viu juntos e perguntou, naquela noite, se ele estava contente. Elian disse que sim. Durante algum tempo, não percebeu que a pergunta já fora incorporada a outra conversa, em outro recinto, da qual ele não participava.

Quando propôs morar com Mara, foi chamado à sala de registros.

Disseram que precisavam pensar na segurança dela. Depois, na dele. Depois, no que poderia acontecer se tivessem filhos. Elian perguntou o que sabiam que aconteceria. Responderam que era precisamente por não saberem que deveriam esperar.

Mara deixara de trazer uma peça de roupa que começara para ele. Disse que o tecido tinha acabado. Elian não perguntou por que não comprara mais.

A primeira vez que Mara lhe pedira a história, estavam no pátio dos fundos.

Ela separava as fibras de uma haste já seca, retirando um pedaço que escapara à preparação. O fio que usara no reparo era grosso demais para aquela manga. Elian oferecera outro. Mara experimentou a resistência entre os dedos e perguntou de onde vinha.

Ele apontou as plantas junto do muro.

— Esse, de uma colheita antiga.

— Eu perguntei pelo fio. Você olhou como se eu tivesse pedido outra coisa.

Elian se abaixou ao lado dela. Havia uma folha presa à terra molhada. Sua ponta se curvava sobre um pequeno buraco, e ele a retirou para que a água escoasse.

— Aqui dizem que tudo começou com uma Semente.

Mara esperou o resto. Ele estava habituado a ouvir aquela palavra em salas onde ninguém precisava perguntar por que recebia um peso diferente. Fora dali, podia ser apenas o começo de uma história sobre o campo.

Contou como aprendera: uma coisa enviada de muito longe, no caminho de um astro que trazia uma cauda de luz. Uma chegada anterior aos primeiros homens. A planta que conheciam pelos dedos,

pela fibra, pelo cheiro, guardava parte do que viera. As pessoas tinham recebido uma tarefa de proteção, mas não a história inteira.

Mara procurou a ponta partida do fio.

— Quem viu?

— Não havia gente para ver a chegada.

— Então quem contou?

Elian abriu a boca e percebeu que passara por cima de um intervalo enorme. Havia histórias de encontros, de ensinamentos e de gente que guardara o que entendera. Uma pessoa repetira para outra; na casa, comparavam relatos que nem sempre concordavam. Quando era menino, ele quisera saber como alguém podia lembrar uma Terra em que ainda não vivia. Recebera uma explicação tão longa que se lembrava melhor do cansaço do que das palavras.

— Disseram que houve um tempo em que falavam conosco — respondeu.

— Os que mandaram?

— Não sei se eram os mesmos.

Mara não riu. Isso o obrigou a suportar a resposta sem se defender dela.

Ele falou do afastamento. Os que vinham tinham deixado de vir; os humanos continuavam com aquilo que aprenderam e com o que haviam perdido. Nenhuma das depositárias os conhecera. Ainda assim, quando discutiam o futuro de Elian, às vezes falavam como se a resposta pudesse chegar de fora e dispensá-las de escolher.

Mara ergueu a fibra.

— E me dão isto para consertar uma manga.

— Você acha pouco?

— Acho que a manga precisa durar.

Ela passou o fio pelo tecido. Elian viu a pele junto da unha se retrair sob a pressão. A planta estava naquela roupa sem deixar de ser o que buscavam compreender nas salas fechadas. Ele sempre ouvira as duas coisas em ocasiões diferentes.

— Não é a própria Semente — disse, apontando o canteiro.

— Eu não pensei que fosse.

Ele sorriu, envergonhado.

— Às vezes eu preciso lembrar.

Mara terminou o ponto e lhe deu a manga para experimentar. O tecido não repuxava. Elian dobrou o braço, satisfeito; depois tornou a olhar as plantas. Durante anos, tinham lhe falado de preservar o que passara de uma vida para outra. Quando perguntava pela própria vida, pediam que não se apressasse.

Naquela tarde, ainda não soube ligar as duas coisas. A pergunta voltou quando começaram a procurar uma casa.

◆

— Quero ir — disse, agora.

Mara soltou o tecido que segurava.

— Então venha à reunião comigo — disse Elian.

Ela respirou fundo. A proposta lhe pedia que entrasse no lugar onde a vida de Elian era examinada como se pertencesse à casa. Mas também era a primeira vez que ele a convidava a ouvir a resposta inteira.

— Vou — disse.

As duas depositárias os receberam antes da refeição da tarde. Uma delas tinha o joelho enrijecido e precisou apoiar a mão na mesa para se erguer. Elian esperou que se acomodasse. Aprendera a oferecer ajuda sem tornar a dor dela um assunto diante de todos.

Na parede, uma tira de madeira mantinha folhas soltas estendidas. O recinto cheirava a papel antigo e ao óleo usado para tratar uma dobradiça. Pela janela entrava o ruído de alguém varrendo o pátio. Nada ali parecia preparado para decidir uma proibição.

Elian entregou o pedido escrito.

Tinha levado duas noites para terminá-lo. Na primeira versão, explicara de novo quanto devia à casa. Na segunda, retirara metade dessas frases, não porque deixassem de ser verdadeiras, mas porque pediam desculpa por algo que ele ainda precisava aprender a afirmar.

Queria residir com Mara. Oferecia continuar parte do trabalho; descrevia a casa, a distância, como se sustentariam. No fim, tentara dizer que a comida recebida desde criança não podia ser uma dívida para toda a vida. Reescrevera esse trecho tantas vezes que a folha estava mais fina sob as palavras.

A depositária de joelho dolorido leu até o fim e passou a folha à outra.

— Você sabe por que sua situação exige cuidado — disse.

Elian conhecia as palavras: raro, integração, herança. Uma vez ouvira híbrido do outro lado de uma porta. A depositária havia tentado lhe explicar. Ele se lembrava de ter perguntado se isso passava com a idade.

— Sei por que vocês me pedem cuidado.

A outra depositária baixou o pedido.

— Isso pode afetar pessoas que não estão nesta sala.

— Quais?

Ela começou a responder em termos gerais. Elian a interrompeu, depois se calou, envergonhado pela brusquidão. Mara não o salvou do silêncio.

— Preciso saber de quem estamos falando — disse ele. — Se há alguém em risco por minha causa, preciso poder entender o risco.

A depositária mais velha pressionou o joelho com os dedos.

— Nem todos os perigos têm um nome antes de acontecer.

Elian olhou para Mara. Ela mantinha as mãos sobre o colo, imóveis de um modo que ele reconhecia como esforço.

— E quanto tempo preciso esperar?

Nenhuma respondeu.

Uma carroça passou na rua. O som cresceu, abalou levemente a vidraça mal fixada, afastou-se. A mulher que varria o pátio chamou outra para ajudá-la com alguma coisa pesada.

— Até termos condições de proteger a vida que você pretende levar — disse a depositária mais velha.

Mara inclinou o corpo para a frente.

— O quarto existe. O trabalho existe. Minha família sabe que queremos morar juntos. O que falta não é uma vida.

A mulher a olhou com tristeza real.

— Você não conhece tudo que ele carrega.

Mara ficou vermelha. Elian conhecia aquele sinal; era o instante anterior a uma resposta que ela precisaria suportar depois.

— Conheço o homem com quem quero viver — disse. — O que não conheço, pergunto a ele.

A depositária começou a falar de descendência.

Foi então que Elian tirou a mão da borda da mesa.

Mara lhe dissera, numa tarde, que preferia uma casa com barulho. Ele perguntara que barulho. Ela o olhara até que entendesse. Tinham rido dos nomes terríveis que poderiam dar a uma criança e depois ficado sem assunto, envergonhados com a ousadia. Agora a mulher

diante deles falava daquele futuro usando a mesma voz com que perguntava pelos mantimentos do inverno.

A depositária mais velha olhou o pedido outra vez.

— Não estamos guardando só um quarto, Elian.

Ele reconheceu a história antes que ela começasse. A Semente, a planta, o que passara por tantos corpos até alcançar os que viviam ali. A mulher falava baixo, sem solenidade. Fora ela quem lhe mostrara como retirar as partes apodrecidas de uma muda sem cortar também as sadias. Elian não conseguia ouvi-la como se o cuidado nunca tivesse existido.

Mara perguntou:

— O que vocês receberam para guardar terminava nesta casa?

A mais nova ergueu o rosto.

— Não.

— Então precisa continuar fora dela também.

— Você está falando de uma planta como se fosse a mesma coisa.

Mara olhou para Elian. Não esperava que ele deixasse outra pessoa responder por seu corpo depois de convidá-la a entrar.

Ele conhecia a diferença. A planta podia ser replantada, parte de uma colheita podia morrer e ainda haver outra. Não existia outro Elian que levasse a Mara a vida adiada daquele. Mas era justamente por isso que o argumento da preservação já não lhe parecia completo.

— Vocês dizem que os antigos se afastaram para deixar as pessoas aprenderem — falou. — O que eu preciso aprender para poder ir?

A mulher mais velha passou a mão pelo joelho.

— Eles puderam se afastar. Nós ficamos com o perigo.

A resposta tirou dele a frase seguinte. Não podia prometer que a história deixada aos humanos era uma coisa simples. Tinha visto medo

verdadeiro naquela casa, perdas que as mulheres não usavam apenas para conseguir sua obediência. Mara continuava ao lado. A existência do perigo não decidia por ela.

Elian voltou à parte do pedido em que descrevera o trabalho. Se precisasse morar perto, morar perto era uma condição que podia discutir. Se houvesse um caminho que não pudesse percorrer sozinho, queria saber qual. Esperava uma medida que lhe permitisse preparar o dia seguinte.

A depositária mais nova percorreu as linhas com o dedo. Nenhuma delas bastou para mudar a resposta da outra.

Ele se levantou.

— Não vou prometer que nunca terei filhos.

A depositária mais nova dobrou o pedido, mas tornou a abri-lo imediatamente, como se o gesto tivesse sido precipitado.

— Não estamos pedindo isso.

— Estão me dizendo que não posso ir até que saibam o que aconteceria se eu tivesse. Como vão saber?

A mulher olhou para a outra.

Elian esperou de pé. A cadeira atrás de suas pernas parecia a mesma em que se sentara menino, ouvindo que aquele assunto seria explicado quando ele crescesse.

O pedido foi recusado.

Não usaram a palavra recusa até Mara perguntar qual era, afinal, a decisão. Disseram adiamento. Disseram prudência. Disseram que a casa não podia assumir aquela responsabilidade. Mara perguntou se podiam assumir a responsabilidade pela vida que estavam impedindo.

A mulher mais velha, exausta, respondeu que alguém precisava fazê-lo.

Elian saiu com a folha nas mãos.

No pátio, o sol havia mudado de parede. Alguém recolhia a roupa. Um aprendiz reconheceu Mara e pediu que olhasse uma costura aberta; ela disse que voltaria em outro dia. Elian apertou a folha até ouvir o papel se amassar. O aprendiz olhou para a mão dele e se afastou, constrangido.

Perto da porta externa, Mara parou.

— Pode vir comigo agora.

Elian olhou para fora. Viu a rua, o trecho de sombra onde a água escorria de uma calha, um homem carregando feixes sobre o ombro. Não havia soldados diante da casa.

Mas tudo que lhe permitira viver estava ali: alimento, trabalho, acesso às pessoas que compreendiam suas experiências, o cuidado durante os dias em que não conseguia explicá-las. Fora daqueles muros, seria preciso construir ao mesmo tempo uma vida e a capacidade de sustentá-la. Haviam chamado aquilo de proteção por tanto tempo que a dependência se tornara difícil de distinguir do próprio corpo.

— Preciso me preparar — disse.

Mara fechou os olhos por um momento.

Quando os abriu, não havia desprezo neles. Isso doeu mais.

— Prepare-se — respondeu. — Mas não me peça para chamar de escolha o que fizeram aqui.

Ela tocou seu rosto. Elian encostou a testa na dela, sentindo o cheiro da rua em seus cabelos, um resto de sol no tecido do manto. Depois Mara se afastou. Caminhou sem pressa até a esquina e desapareceu antes que ele conseguisse formar outra frase.

Naquela noite, a depositária mais nova tornou a ler o pedido.

O resumo destinado às outras casas dizia apenas que a saída fora adiada por razões de proteção. A folha extensa conservava as

condições oferecidas por Elian, a pergunta sobre os perigos, a recusa de prometer que jamais teria filhos. No trecho reescrito, uma palavra atravessara o papel.

A mulher acrescentou uma objeção ao pé da transcrição. Sua mão hesitou antes da primeira palavra. Ela também temia o que não compreendia. Tinha visto pessoas feridas depois de uma exposição descuidada, nomes circulando mais depressa do que os corpos podiam fugir. Ao fechar os olhos, via Mara esperando uma resposta e Elian de pé, sem saber onde pôr as mãos.

Escreveu até completar a frase.

O resumo partiu na manhã seguinte. A objeção ficou na casa.

No quarto, Elian dobrou a roupa que Mara lhe trouxera. Guardou-a junto às outras, abriu a porta e ficou olhando a chave do lado de dentro.

◆

Na tarde da visita, ao deixar Elian, Mara voltara à casa da irmã antes que a sombra alcançasse a soleira. O quarto menor estava aberto. Tinham retirado a arca da parede e a marca na cal mostrava onde o móvel passara anos encostado. Sobre o chão havia um embrulho de roupa de cama que ela levara pela manhã.

A irmã apareceu com uma bacia nas mãos. Olhou para trás de Mara e depois para o embrulho que ela ainda carregava.

— Ele não veio?

Mara pousou o pão que sobrara da visita.

— Não hoje.

A irmã não perguntou quando. Levou a bacia para a cozinha, e Mara agradeceu em silêncio por não precisar defender Elian antes mesmo de entender o que sentia. Entrou no quarto. A janela emperrava

no último palmo; ela a puxou, a madeira gemeu e um pouco de pó caiu sobre o peitoril.

Era ali que pretendiam pôr a mesa. Elian precisava de luz para o trabalho miúdo. Tinha explicado isso com tanto cuidado que Mara passara a medir a claridade durante as visitas à irmã: pela manhã até a pedra do chão, depois só sobre a parede. Não era uma vida imaginada de uma vez. Fora sendo feita de perguntas pequenas, da altura de uma prateleira, do lugar onde deixar os sapatos molhados, de quanto cobrariam por uma peça consertada.

Abriu a roupa de cama. Encontrou a costura que deixara por terminar e procurou a agulha presa na borda. Por um instante pensou em guardar tudo. Depois puxou o banco para a luz.

Quando a irmã voltou, Mara já trabalhava.

— Quer que eu mantenha o quarto?

A pergunta a fez apertar o tecido. Não podia reservar uma vida inteira e chamar aquilo de paciência. Também não queria responder por Elian com a mesma facilidade das mulheres da casa.

— Por enquanto — disse. — Mas eu vou conversar com ele.

— Outra vez?

Mara assentiu. A irmã aproximou a bacia para que ela lavasse as mãos antes de comer. Havia farinha nos dedos das duas. O gesto comum a desarmou; só então percebeu quanto se esforçara para não chorar diante das depositárias.

Na casa, Elian desceu para a refeição. O lugar de sempre continuava livre. Serviram-lhe a porção que conheciam, alguém perguntou pelo tecido novo, um rapaz pediu ajuda para entender uma anotação. Ele respondeu ao rapaz. Comeu. A gratidão não desaparecera com a recusa e, por isso, não conseguia usá-la como medida do que lhe haviam feito.

Depois levou a tigela até a cozinha. A mulher junto da bacia quis tirá-la de suas mãos. Elian pediu que o deixasse lavar. Ela cedeu, surpresa, e lhe mostrou onde estava o pano.

Não precisava aprender a lavar uma tigela. Precisava descobrir quantas coisas fazia porque escolhera e quantas deixara de aprender porque alguém sempre se adiantava. Ficou ali até o último utensílio. Quando voltou ao quarto, a chave ainda pendia do lado de dentro.

Sentou-se diante do pedido recusado. No verso de outra folha começou uma relação: trabalho, alimento, passagem. Ao lado de passagem escreveu o nome de Mara, parou e riscou. Ela não era uma providência que pudesse tomar por conta própria. Deixou o espaço em branco para perguntar a ela.

O corredor foi ficando silencioso. Elian trabalhou sem esconder a luz por baixo da porta.

Capítulo 1 — A Casa que Ficou

Chad acordou com os dedos fechados no lençol.

Puxou o ar e encontrou o quarto: a faixa de claridade entre as cortinas, a camiseta caída da cadeira, o ventilador girando acima dele. O coração continuou correndo. Soltou um dedo de cada vez. Tinha apertado o tecido até a unha do polegar marcar a palma.

Sentou na beira da cama, os pés descalços procurando o chão frio. Ficou assim até conseguir engolir. Do lado de fora, um pássaro repetia três notas. Na terceira, sempre mais aguda, Chad fechava os olhos.

O vaporizador estava na gaveta da mesa de cabeceira. Pegou-o sem acender a luz. Conhecia o peso pequeno na mão, o arranhão junto ao botão; havia manhãs em que o procurava antes mesmo de saber as horas. Abriu um pouco a janela e permaneceu junto dela, de camiseta e cueca, com o aparelho entre os dedos.

O gosto da cannabis lhe ficou na língua. Lá embaixo, o jardim ainda estava molhado. Uma gota pendia da ponta comprida de uma folha e crescia devagar, reunindo a água que descia pela nervura. Chad acompanhou o caminho. Quando a gota caiu, sentiu um movimento muito leve no centro da mão.

Olhou para a palma.

A marca da unha permanecia lá.

Voltou à janela. Por um instante, a distância até a planta pareceu curta demais. Veio-lhe a impressão de que bastaria mover os dedos para sentir a folha ceder; junto dela, uma vontade absurda de rir, tão deslocada naquele quarto que lhe deu vergonha. Abaixo da alegria havia outra coisa, funda e sem forma, que fez sua garganta apertar.

Recolheu a mão antes de perceber que a tinha estendido.

— Tá bom — murmurou.

A veneziana bateu no batente. Ele se afastou, esbarrando o joelho na cadeira, e o palavrão saiu fácil. A dor pequena ajudou a encontrar os limites do quarto. Pousou o aparelho sobre a mesa, abriu mais a cortina.

A luz alcançou a fotografia junto à cama.

Sandy estava rindo. O vento de Kyoto levantara os cabelos castanhos, deixando à mostra os fios claros perto da testa, e uma mecha atravessava sua boca. A mãe segurava o braço de Michael como se estivesse prestes a arrastá-lo para fora do enquadramento. Tinha o rosto estreito, vincos nos cantos dos olhos e aquela inclinação da cabeça que Chad conhecia bem: ela acabara de dizer alguma coisa e esperava que o outro percebesse a graça.

Michael ainda tentava ficar sério. Na foto, os cabelos curtos, escuros e grisalhos nas têmporas, pareciam penteados com a mão. O sol acentuava a pele morena e a linha forte do maxilar. Era mais largo que Sandy, ocupava quase metade da imagem, mas quem decidia para onde os dois iam era ela. Uma de suas mãos cobria os dedos da mulher em seu braço. Chad lembrava do tamanho daquela mão envolvendo a sua para apertar um parafuso, e de como o pai sempre acabava entregando a ferramenta antes de o trabalho estar terminado.

Havia guardado a fotografia ali porque era uma das poucas em que os dois não olhavam para ele.

Pegou o porta-retrato. O polegar deixou uma marca no vidro, sobre o casaco de Michael. Passou a barra da camiseta para limpá-la, espalhou a gordura e desistiu.

Quis perguntar o que a mãe tinha dito naquele instante.

O fotógrafo não aparecia. Ele próprio tinha ficado em casa naquela viagem, enfiado em algum assunto que, aos dezesseis anos, tornara

impossível passar duas semanas com os pais. Ainda lembrava da convicção. O assunto, não.

Encostou o porta-retrato no peito por um segundo, a quina dura contra o esterno, antes de devolvê-lo à mesa.

No banheiro, abriu a torneira e esperou a água esfriar. Jogou duas mãos cheias no rosto. O choque o fez apoiar os cotovelos na pia; algumas gotas desceram da barba rala para a louça. Ergueu a cabeça.

O cabelo ruivo estava amassado de um lado e levantado do outro. Tentou abaixar a mecha que caía sobre a testa. Ela voltou quase ao mesmo lugar. Sob as sobrancelhas também acobreadas, os olhos claros estavam vermelhos nas bordas. A barba de poucos dias dava ao maxilar uma sombra irregular que ele já prometera tirar na véspera.

Vinte anos, pensou, olhando a marca do travesseiro na bochecha. Sandy teria passado o dedo ali para alisá-la, como se a pele fosse uma camisa amarrotada. Depois teria feito alguma observação sobre o cabelo. Ele teria reclamado.

Enxugou o rosto, mas deixou a toalha nas mãos.

Quando voltou ao quarto, o telefone vibrava sobre a cama. Uma mensagem de Irene perguntava se lera a proposta da fundação. Abaixo dela, o calendário marcava 2009, e por um instante Chad teve de fazer a conta outra vez: três anos desde o acidente. Três anos de mensagens enviadas para ele no lugar de Michael, de pessoas que começavam uma frase pelo nome de Sandy e paravam para escolher o verbo.

Escreveu para Irene que leria naquela manhã. Não enviou. Ia prometer a mesma coisa pela terceira vez.

Abriu o computador.

Entre avisos do banco, publicidade e duas cobranças de resposta, havia um e-mail recebido às quatro e dois. O assunto dizia:

Um convite da COM — reencontrar um caminho

Chad passou pelo assunto, voltou e abriu a mensagem. Não conhecia a sigla.

O texto cabia inteiro na tela.

Há momentos em que a vida perde a direção e até o descanso deixa de trazer alívio. Na COM, acreditamos que esse pode ser o começo de um chamado: uma oportunidade de reconstruir a rotina, encontrar companhia e voltar a servir a algo que faça sentido. Se desejar conhecer nosso trabalho, esperamos você amanhã, às 10h.

Vinha em seguida o endereço de uma torre no centro de Florianópolis, o décimo primeiro andar e um nome abreviado: P. Adanson.

A conversa inicial não exige compromisso. Se preferir outra data, responda a esta mensagem.

Ele leu de novo. A linguagem lhe pareceu emprestada de um folheto, até voltar à palavra descanso. O aparelho permanecia sobre a mesa, ao lado do porta-retrato; guardou-o na gaveta. Ainda sentia na palma a marca que fizera apertando o lençol.

Escreveu: Quem é você?

Antes de enviar, abriu o endereço do remetente. Não o reconhecia. Procurou o sobrenome entre as mensagens antigas do pai e depois no navegador. Apareceram instituições, conselhos, fotografias de cerimônias. Adanson estava em legendas compridas, no meio de outras pessoas. Chad ampliou uma imagem até que os rostos se desfizessem em quadrados.

Tornou a olhar para a cama.

Devia haver centenas de pessoas a quem aquelas linhas serviriam. Ainda assim, Chad voltou ao horário de envio: quatro e dois. Não sabia a que horas tinha começado a sonhar.

Apagou a pergunta sem enviá-la.

No site do edifício, encontrou um telefone. A mulher que atendeu confirmou o endereço e, depois de consultá-lo, a visita em seu nome, na manhã seguinte.

— Quem marcou?

— O escritório do senhor Adanson.

— Eu não marquei visita nenhuma.

A mulher esperou.

Chad olhou para o nome na tela.

— Deixa como está — disse.

Ao desligar, percebeu que se levantara da cadeira.

A voz de Joana veio da escada.

— Chad? Você pode descer?

Ele não respondeu logo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Com a cozinha, aconteceu.

Encontrou panelas no chão e a porta do armário encostada na parede. Joana estava ajoelhada sobre uma toalha, com a manga da blusa presa acima do cotovelo. Era uma mulher de rosto redondo, cabelo escuro amarrado bem alto e olhos que, àquela hora, pareciam ter acordado antes de todo o resto dela.

A água correra por dentro do móvel. Sobre a mesa estava o caderno de receitas de Sandy.

Chad pegou-o depressa.

— Devagar. As folhas estão grudadas.

A capa cedeu sob os dedos. Abriu na página em que a tinta havia deixado uma sombra na folha da frente. Reconheceu a letra antes de conseguir ler as palavras.

Menos açúcar. Michael não percebeu.

Michael tinha percebido. Lembrava da segunda colherada, da pausa teatral do pai e da mãe fingindo procurar alguma coisa numa gaveta para esconder o riso.

Chad tentou afastar duas páginas. Um pedacinho de papel se soltou.

— Droga.

Joana pousou a mão sobre a dele.

— Eu disse devagar.

Ele largou a folha. Havia água sob seus pés. Pegou uma toalha limpa, estendeu-a na bancada e deitou o caderno aberto sobre ela. O movimento exigiu tanta atenção que só depois reparou na tigela azul ao lado. A linha do conserto atravessava a borda, fina e escura.

— Essa também estava lá?

— Essa eu tirei primeiro.

Sandy se recusara a jogar a tigela fora. Michael passara uma tarde dizendo que aquela cola não aguentaria. No primeiro jantar, recusara a tigela; na noite seguinte, ela aparecera diante dele sem comentário. Depois disso usara a mesma sempre que podia.

— Obrigado — Chad disse.

Joana recolheu a toalha do chão.

— O Davi vem ver isso às onze. Você fica?

— Fico.

Ela esperou até que ele guardasse o telefone.

— Come alguma coisa antes.

— Você fala como se eu fosse desmaiar no caminho da geladeira.

— O caminho está escorregadio. Não facilita.

Ele riu pelo nariz. Pegou um pão, ficou com a metade na mão enquanto levava o caderno para cima. Abriu espaço na mesa do quarto,

onde entrava sol, afastando papéis que guardara porque ainda não havia decidido se eram importantes. Na mesa junto à cama, Sandy e Michael sorriam para fora da fotografia.

Virou o computador para que não pudesse ver a mensagem enquanto estendia as folhas.

◆

Davi chegou com uma caixa de ferramentas que batia no joelho a cada passo. Era magro, tinha o cabelo quase raspado e um corte recente no queixo. Chad o conduziu à cozinha e se desculpou por não saber onde fechava a água daquela parte da casa.

— Seu pai sabia — o homem disse, e continuou abrindo a caixa.

Chad ficou esperando o resto. Não havia resto.

Enquanto Davi examinava a madeira, ele pegou o telefone. A mensagem de Irene continuava sem resposta. Mandou que podia conversar.

Ela ligou quase imediatamente.

— Bom dia — disse. — Você leu?

— Ainda estou lendo.

— Em que página?

Chad deixou escapar uma risada curta.

— Isso é uma prova?

— Isso é amanhã.

Irene administrava a fundação que os pais haviam criado. Chad a imaginou com os óculos baixos no nariz, conferindo um número antes de se permitir ficar zangada com ele. Pelo telefone, Chad ouviu um teclado, depois o ruído de uma porta fechando.

Abriu o arquivo que ela enviara. Era a proposta para reunir os registros das hortas atendidas pela fundação e reduzir as visitas das

equipes aos bairros. Tinha marcado o primeiro parágrafo com uma pergunta e parado ali.

— Nós mantemos as equipes em campo — disse. — Eu cubro a diferença.

— E quem vai fazer as visitas? A equipe pediu essa mudança porque não está dando conta dos bairros.

— Contratamos mais gente.

— Talvez. Mas você precisa ouvir quem vai trabalhar com isso. Tem gente exausta, Chad. A reunião é amanhã às dez e meia.

Ele olhou de novo para a proposta. Ainda não chegara à página em que estavam os nomes da equipe.

Olhou para o e-mail de Adanson, aberto na outra janela.

— Não consigo mais cedo?

— Os outros conseguem às dez e meia. Você também conseguia quando confirmou.

Na cozinha, Davi chamou por ele. Chad pediu um instante aos dois e nenhum esperou em silêncio: ouviu Irene afastando o telefone para responder a alguém, Davi medindo o móvel em voz alta. Ficou entre o computador e a porta sem ir a lugar nenhum.

— Chad? — Irene chamou de volta. — Não posso defender uma posição sua se você não vier sustentá-la.

Ele deslizou até a fotografia anexada ao projeto. Sandy aparecia ao lado de dois canteiros, indicando alguma coisa fora do enquadramento. Lembrou da visita. A mãe exigira bancos porque algumas pessoas não conseguiam se sentar no chão. Michael perguntara quem tinha pedido os bancos e ela respondera que ninguém precisava pedir para sentir dor no joelho.

Chad podia contar aquilo na reunião. Sabia até onde iria pôr as mãos enquanto falasse.

— Me dá até amanhã cedo — pediu.

Irene soltou o ar.

— Até as nove. Depois disso, mantenho a pauta como está.

Davi precisava trocar uma peça e voltaria depois de amanhã. Quando perguntou em que horário, Chad respondeu qualquer um. Joana, que passava pela porta, parou.

— À tarde eu não posso ficar.

Ele se lembrou da apresentação a que ela queria ir, do aviso dado mais de uma vez.

— De manhã — corrigiu. — Eu fico de manhã.

Joana retomou o caminho. Chad acompanhou-a com os olhos até ela desaparecer na área de serviço. Teve vontade de contar do e-mail. Em vez disso, perguntou a Davi quanto custaria a peça.

◆

Passou a tarde alternando o arquivo da fundação e o sobrenome Adanson. Nas fotografias de cerimônias, encontrara a mesma gente que costumava escrever para Michael. Não vira o pai em nenhuma delas. Mesmo assim, ao entrar no escritório, foi às pastas da família antes de voltar à proposta de Irene.

Procurou o sobrenome nas correspondências que conseguia abrir. Quando a busca chegou aos documentos do acidente, não os excluiu. Não havia razão para pôr aquele convite junto da queda. Havia o hábito de acabar ali sempre que tentava entender o que mudara em sua vida. O relatório começava com data, aeronave e local. Ele conhecia a ordem dos títulos, as siglas, as fotografias que evitava ampliar.

Buscou o sobrenome. Nenhum resultado.

Em 2006, aos dezessete anos, tivera raiva de cada palavra que não lhe devolvia os pais. Agora percorria aquelas mesmas páginas atrás de

alguma coisa que pudesse ter deixado passar. Voltou ao começo duas vezes. Fechou o arquivo na terceira.

Na estante baixa estava outra fotografia, menor, num porta-retrato de madeira. Melly olhava para alguém fora da imagem, os cabelos escuros escapando do penteado. Sandy dissera que as duas haviam sido amigas antes de qualquer uma pensar em ter filhos.

Chad cresceu sabendo que aquela era a mulher que o dera à luz. Também sabia que ela morrera no parto. Quando pequeno, perguntara se a culpa tinha sido dele. Sandy o puxara para o colo tão depressa que ele deixara cair no chão o brinquedo que segurava.

Lembrava mais da força daquele abraço do que da resposta inteira.

Durante algum tempo, tentara imaginar uma voz para Melly. Todas acabavam parecidas com a de Sandy, e isso o irritava. Depois crescera, tivera outras perguntas, aprendera a adiar algumas delas. Na fotografia, a mãe continuava quase da idade que ele tinha agora.

Pegou o porta-retrato, examinou a borda gasta pelo polegar de alguém e voltou a colocá-lo no mesmo lugar.

Voltou ao e-mail. Nada ali falava de Michael, Sandy ou Melly.

Tinha o número do advogado da família aberto no telefone. Bastaria ligar. Imaginou explicar que recebera um convite de uma organização desconhecida e resolvera ir no horário da reunião da própria fundação. Conseguia ouvir a pergunta seguinte: o que esperava encontrar ali? Ainda não tinha uma resposta que pudesse dizer sem se sentir ridículo.

Apagou a tela.

Antes de jantar, mandou a Irene sua objeção à redução das visitas. Escreveu que deveriam estudar uma equipe maior, releu a frase e percebeu que continuava devendo a conversa que ela pedira. Deixou para resolver de manhã.

Na cozinha, comeu na tigela azul, em pé junto à bancada. Escreveu o endereço da torre numa folha, acrescentou o andar e o horário. Dobrou-a num envelope para Joana: se não voltasse até o fim da tarde, ela deveria telefonar para ele; se não atendesse, para o escritório da família.

Pôs o envelope ao lado da tigela.

◆

Dormiu pouco. Quando despertou de novo, deixou a gaveta fechada e foi direto para o chuveiro. Precisava dirigir.

Às nove e seis, Irene escreveu perguntando se faria o teste de som às dez e vinte. Chad leu a mensagem com uma mão no puxador do guarda-roupa. A roupa que escolhera para ir à torre estava sobre a cama.

Na outra janela, o e-mail continuava oferecendo uma data diferente. Bastava responder. Chad chegou a escrever que preferia a semana seguinte e ficou olhando as palavras.

Na semana seguinte encontraria outra coisa para resolver primeiro. Era o que dizia a si mesmo havia meses; talvez estivesse usando isso agora porque não queria entrar numa sala e explicar uma proposta que mal lera. A reunião da fundação lhe dava trabalho antes mesmo de começar. A torre ainda podia ser qualquer coisa.

Apagou o rascunho.

Ligou para ela.

— Não vou conseguir.

Houve um silêncio curto.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tenho que resolver um assunto.

— Que assunto?

Ele olhou o caderno de receitas aberto ao sol.

— Pessoal.

Irene não insistiu.

— Sua objeção continua?

Se mantivesse a objeção, Irene teria de defendê-la sem ele.

Sentou na beira da cama.

— Retira — disse. — Pode seguir com a proposta.

— Você entendeu que as visitas deixam de ser regulares?

— Entendi.

— Preciso que me mande isso por escrito.

Ele mandou. A confirmação de Irene chegou antes de terminar de amarrar o tênis.

Ao descer, encontrou Joana enxugando a bancada. A tigela já estava lavada; o envelope, de pé contra ela.

— Vai demorar?

— Não sei.

— Você deixou um endereço.

— Por garantia.

Ela ergueu os olhos.

Chad quase disse que estava tudo bem. Pegou as chaves em vez disso.

— Amanhã eu fico com o Davi — lembrou. — Pode ir à sua apresentação.

— Eu sei. Anotei.

Ele abriu a boca, fechou. Joana tornou a passar o pano sobre um lugar já seco.

Na porta, Chad conferiu a hora: nove e vinte. O jardim ainda guardava umidade nas partes de sombra. Uma folha roçou seu antebraço quando passou, e ele se virou depressa demais.

A planta ficou oscilando atrás dele.

Capítulo 2 — O Convite

Dentro do túnel, Chad desligou o rádio.

A voz continuou por um segundo depois que apertou o botão, perdida entre os motores. À frente, as lanternas vermelhas de um ônibus tingiam o vidro. Ele aumentou a distância, encostou a cabeça no banco e esperou o trânsito andar. Saíra de casa às nove e vinte. Faltavam vinte e seis minutos. No mapa, o túnel Deputada Antonieta de Barros era um traço; ali dentro cabia a manhã inteira.

O telefone vibrou no banco do passageiro.

Não era Adanson. Uma mensagem automática lembrava o teste de som da fundação. Chad virou o aparelho para baixo. Já avisara Irene. Sua cadeira poderia ficar vazia sem que precisassem procurá-lo.

Pensou em Joana decidindo quando abrir o envelope. Tinha escrito instruções como quem providencia uma coisa sensata e deixara com ela o trabalho de decidir em que momento obedecer. Quis telefonar. Os carros avançaram; ele seguiu o ônibus para fora do túnel.

A baía apareceu entre as construções, um pedaço de água esbranquiçada que o sol ainda não deixava olhar direito. Chad conhecia o caminho do banco de trás. Sabia o ponto em que Michael costumava interromper uma conversa para indicar alguma coisa na rua e se lembrava da impaciência de pedir que terminasse o assunto. Naquela manhã errou a entrada da garagem e precisou contornar o quarteirão.

Um segurança conferiu seu nome. A barreira subiu.

No hall da torre, uma mulher segurava uma caixa de papelão contra o quadril enquanto discutia ao telefone. Chad esperou atrás dela,

ouvindo a mesma frase voltar com palavras diferentes: ela estava ali, os documentos estavam ali, o responsável precisava descer. Quando chegou sua vez, deu o nome do homem que procurava.

— Peter Adanson — a recepcionista completou.

Imprimiu um cartão. A pequena fotografia o pegara com os lábios separados, prestes a perguntar outra coisa.

— Décimo primeiro.

Chad guardou a carteira. No espelho do elevador, tentou apagar com o polegar uma marca junto à gola. O cabelo tinha secado torto. Desistiu antes de chegar.

A assistente o conduziu por um corredor sem logotipos. Duas portas fechadas, uma sala de reuniões vazia, plantas sob uma faixa de luz. Chad contou as portas no caminho. Quando a mulher abriu a última, o homem junto à janela virou-se tão depressa que a ponta do paletó se afastou do corpo.

— Chad.

O cumprimento ficou sozinho por um instante.

Peter tinha os cabelos castanhos prateados nas laterais e uma linha funda descendo de cada lado da boca. O primeiro botão da camisa estava aberto. Havia nele uma familiaridade desconfortável, qualquer coisa que Chad quase reconhecia quando o rosto se movia e perdia quando ficava imóvel.

O homem ofereceu a mão.

— Você mandou o e-mail?

Peter recolheu-a.

— Mandei.

— Vocês mandam esse convite para quem?

A assistente saiu. Peter acompanhou o movimento dela e esperou a porta encostar.

— A pessoas que talvez queiram conhecer nosso trabalho. A mensagem apresenta a COM; não é uma avaliação sua.

— Parece saber bastante sobre quem recebe.

— Fala de coisas que muita gente atravessa. Perda, falta de rumo, noites ruins. Há quem chame isso de um chamado de Deus. Há quem só precise de alguém com quem conversar. Você não precisa aceitar nossa explicação para vir aqui.

Chad examinou o rosto dele. A resposta diminuía a importância da mensagem, e isso o deixou ao mesmo tempo aliviado e um pouco ridículo por ter passado a noite pensando nela.

— Então não sabe por que eu vim.

Peter não respondeu de imediato. Chad se virou para a porta, mas o homem tornou a falar:

— Conheci Michael. E Sandy. Tenho correspondência sobre a última viagem que você não recebeu.

Chad abriu a porta. A assistente ergueu o rosto do outro lado do corredor.

Ficou segurando a maçaneta até que ela voltasse ao trabalho. Depois fechou a porta e tornou a olhar para Peter.

— Se é mais uma cópia do relatório, eu vou embora.

O homem pegou um controle sobre a mesa. Na parede surgiu a fotografia de uma aeronave em terra, escada encostada à porta. Chad conhecia as cores, o desenho das janelas. Durante os últimos três anos, o avião existira para ele em fotografias de metal retorcido; vê-lo inteiro lhe provocou uma vertigem que precisou esconder apoiando a mão numa cadeira.

— Isso é do dia?

— Da última viagem. A imagem veio de um prestador de serviço. Vou lhe dar a referência.

Chad aproximou-se. Dois homens estavam perto do trem de pouso. Nenhum olhava para a câmera. Procurou Sandy na abertura da porta até o escuro se tornar apenas escuro.

— Tem alguma coisa sobre a queda?

Peter baixou o controle.

— Não tenho prova de outra causa.

O sistema de ventilação fez um estalo. Chad continuou olhando a tela.

— Seu convite falava em reconstruir a vida.

— Não em devolver o que você perdeu.

— E me mostra isso assim?

— Devia ter perguntado antes.

Ele voltou-se tão depressa que a cadeira arranhou o piso.

— Apaga.

Peter apertou o botão. O avião desapareceu, deixando a parede grande e escura.

Chad foi ao aparador, pegou um copo e serviu água. A jarra bateu duas vezes na borda. Bebeu um gole, depois outro. Atrás dele, ouviu Peter afastar uma cadeira da mesa.

— Achei que devia começar pelo que posso lhe entregar — disse o homem.

— Podia ter começado me perguntando o que eu queria ver.

— Podia. A correspondência é sua. Posso separar cópias, e você lê quando quiser.

— Primeiro me diz o que tem aí.

Peter deixou o controle sobre a mesa. Chad esperou com o copo apertado na mão. A fotografia o atingira antes que pudesse escolher se queria vê-la; a pasta, agora, estava fechada diante dos dois. Podia levá-

la. Também podia perguntar ali, enquanto havia alguém para responder.

Sentou-se na cadeira que o homem afastara.

— Fala da vida deles.

Peter puxou a pasta para perto e demorou a abri-la. Chad viu o pequeno esforço de um dedo para soltar o fecho.

A primeira folha era uma prestação de contas. Transporte, manutenção, materiais. A assinatura de Michael estava no rodapé; acima, ele corrigira uma data e precisara corrigi-la de novo. Chad passou o polegar sobre a margem.

— Fazia isso sempre — murmurou.

— O quê?

— Tentava consertar o número e piorava.

Peter olhou a folha como se só então percebesse as duas tentativas.

— Eu mandava outra via. Ele reclamava do desperdício.

Uma lembrança pequena demais para servir de prova e exata o suficiente para ferir.

A página seguinte mencionava um instituto ambiental. Havia cartas, dois registros de reuniões e fotografias. Chad espalhou-as devagar. Sandy aparecia de lado, o indicador levantado diante de uma mesa cheia de xícaras. Michael tinha os óculos na mão. Pareciam estar no meio de uma discussão, e foi um alívio absurdo encontrar os dois ocupados demais para sorrir.

— O que ela estava dizendo?

Peter inclinou-se para ver.

— Que tinham trazido seis cadeiras para oito pessoas.

Chad olhou as bordas da imagem. Uma mulher estava em pé, quase cortada pelo enquadramento.

— Claro.

— Tinham pedido que começássemos. Sandy não começou.

Peter virou a fotografia pelo canto, tirando o reflexo. Chad puxou a cadeira para perto; o pé prendeu no tapete, e ele precisou levantá-la para chegar à mesa.

— Ela ficou de pé?

— Quase todo mundo. Por causa dela. Eu já tinha sentado.

Chad olhou para a borda da imagem. Só aparecia parte de uma cadeira, atrás de Michael.

— Você estava onde?

Peter indicou um lugar fora do papel.

— Aqui. Achei que dava para começar enquanto traziam as outras.

— E ela?

— Perguntou se quem estava de pé precisava escutar.

Chad soltou o ar pelo nariz.

— Ela perguntava sabendo.

— E eu disse que sim.

Peter sorriu para a fotografia. Chad tinha a ponta do dedo sobre a xícara mais próxima da mãe. Retirou-a para enxergar a mão inteira.

— Disseram que ia levar um minuto — Peter continuou. — Seu pai começou a falar de qualquer coisa, para passar o tempo. Ela ficou olhando para ele.

— Até ele parar.

— Não parou. Pediu que tirasse uma linha da manga dele. Uma linha que não estava lá.

Chad ergueu os olhos.

Michael fazia aquilo à mesa quando Sandy se aborrecia. Apontava o próprio ombro, esperava que ela se aproximasse e tentava beijar a mão que vinha arrancar o fiapo. Às vezes recebia um tapa. Chad ficara tão cansado de ver que aprendera a anunciar antes: Vai dar errado, pai.

— Ela pegou?

Peter negou, sorrindo ainda.

— Mandou que ele fosse ajudar a procurar as cadeiras.

A risada saiu de Chad alta demais para o escritório. Parou com a boca aberta. Peter olhou para ele, e o sorriso do homem mudou; Chad baixou a cabeça depressa, voltando à mão de Sandy.

— Em casa ela caía nessa.

— Ah, é?

Ele sentiu raiva de ter contado. Peter esperava mais, o rosto voltado inteiramente para ele. Chad esticou uma perna sob a mesa e recuou até sentir o encosto.

— Depois vieram as duas? — perguntou.

— Veio uma primeiro. Mais baixa que as outras. Michael testou e ficou com os joelhos quase aqui.

Peter apontou o peito. O gesto destoava da camisa bem passada, da mesa sem marcas.

— Ele não era tão grande.

— Naquela cadeira, era.

Chad tornou à foto. O pai segurava os óculos com uma haste aberta sobre o pulso. Imaginou-o no assento baixo, reclamando com Sandy como se ela tivesse construído o móvel.

— Ela ria?

— Muito. Mas baixinho. Michael perguntou se tinha alguma coisa no rosto dele. Ela disse que só conseguia ver a testa.

Chad encostou a fotografia na mesa. Abriu a boca, e o que saiu foi outra risada, mais curta. Passou a mão sob o nariz.

Peter ficou com os olhos na imagem. Uma das mãos tinha parado sobre a pasta. Movia apenas o polegar, esfregando o fecho.

Peter demorou a voltar a falar.

— Quando enfim trouxeram, já tinham esquecido qual era a primeira coisa que íamos discutir. Michael disse que devia ser muito importante.

— Ele dizia isso de tudo que esquecia.

Peter assentiu e voltou às folhas. Chad pousou a mão na primeira antes que ele a puxasse.

— Espera. Aqui ela ainda está de pé.

— Foi antes.

— E por que meu pai tirou os óculos?

Peter aproximou a foto do rosto.

— Não lembro.

Chad quis saber se Michael acabara de rir, se Sandy falava com ele ou com a mulher na margem.

— Talvez tenha sido quando...

Peter parou. Chad levantou a cabeça, esperando.

— Não lembro mesmo — disse o homem.

Chad fez que sim. Segurou a foto pelas duas bordas. Havia no rosto da mãe uma ruga funda ao lado do nariz, uma concentração que nas fotos de família costumava durar só até perceber a câmera. Ali ela nem sabia. Ele poderia passar a manhã olhando.

— Ela não gostava que puxassem a cadeira para ela — disse, ainda olhando. — Meu pai tentava fazer isso em restaurante. Às vezes ela já estava sentando.

Peter riu, um som baixo que falhou no fim.

— Consigo imaginar.

Chad olhou para a janela. Do lugar em que estava, via o encontro de dois prédios e um pedaço de céu. Em casa, Sandy puxava a cadeira com o pé enquanto carregava o prato. A madeira raspava, a comida quase escorregava, ele pedia que esperasse porque o programa já estava acabando. A televisão nunca ficava tão boa depois que ela ia comer sozinha.

— Esse dia foi bom? — perguntou.

Peter demorou o suficiente para ele se arrepender.

— Foi. Depois das cadeiras. Acho que os dois se divertiram mais que eu.

O rosto de Chad se contraiu antes que pudesse escolher uma expressão. Devolveu a foto à mesa. Peter continuou separando os papéis, mas com menos precisão. Deixou uma folha cobrir parte de outra, procurou um anexo que estava diante dele.

— Eu queria ter lhe mostrado isso antes.

— Podia ter mandado pelo correio.

Peter parou.

— Podia.

Chad pegou outra fotografia.

Michael segurava uma bandeja dentro de uma estufa. Uma manga estava dobrada mais alto que a outra. O peso o fazia afastar os cotovelos, e ele ria com os olhos quase fechados. Havia uma rachadura na lateral da bandeja. Chad aproximou a imagem do rosto.

— Quem tirou?

— Não sei. A cópia estava no conjunto da visita.

— Você estava lá?

— Nessa manhã, não.

Ele olhou para Peter, surpreendido pelo desapontamento. Queria que alguém completasse o lado de fora daquela fotografia.

O homem abriu a última dobra da pasta e retirou um cartão com um nome escrito à mão.

— Helga trabalha no instituto. Trabalhou com seu pai. Talvez saiba.

Chad leu o nome, o telefone, um endereço. Abaixo havia o número antigo do projeto. Pela primeira vez desde a chegada, algo oferecido por Peter conduzia para fora daquela sala.

— Ela sabe que você me chamou?

— Não falei com ela sobre você.

Chad guardou o cartão no bolso da camisa.

— Quero levar a foto.

— Separei para você.

A resposta veio depressa demais. Peter pôs os dedos sobre a margem, aproximando a fotografia dele, e os retirou antes que Chad precisasse pedir.

Chad trouxe a imagem de Sandy para junto da outra.

— Essa também.

Peter soltou a pasta.

— Sim.

Uma ponta dobrada ameaçava prender na fotografia da estufa. Chad alisou-a com cuidado. Peter estendeu a mão, e ele puxou as duas para junto do próprio copo antes que os dedos do homem chegassem.

— A água — Peter disse.

Uma gota descia pelo vidro. Chad afastou o copo e acomodou as fotos no espaço seco. A manga de seu pai parecia roçar o braço de Sandy, embora entre as duas imagens houvesse uma faixa branca.

Peter acompanhou o movimento. Chad pensou em lhe pedir mais uma história. Já tinha o cartão de Helga, já levaria aquelas fotos; ainda assim, moveu a cadeira para perto da mesa outra vez.

Por algum tempo, os dois ficaram sentados diante de Michael rindo.

O telefone da mesa tocou. Peter o silenciou. No corredor alguém procurava a assistente, uma voz atravessada pelo vidro. Chad sentiu fome pela primeira vez naquela manhã.

— Você trabalha com o quê?

Peter recostou-se. Parecia mais à vontade recebendo a pergunta.

— Uma rede de preservação e pesquisa. Guardamos arquivos, materiais, objetos que não podem ser postos em circulação de qualquer maneira. Alguns projetos são públicos. Esses que está vendo tiveram participação dos seus pais.

— E os outros?

— Têm acesso restrito.

— Por você?

— Entre outras pessoas.

Chad puxou a prestação de contas para perto. O pai pagara reparos, transporte e equipamento para alguma coisa que não se dava ao trabalho de ter uma placa na porta.

— Qual é o nome?

— Círculo da Ordem Moral.

Ele ergueu o rosto.

— Isso é sério?

— Usamos COM.

— Vocês ouviram o nome em voz alta antes de decidir?

Peter passou a mão pela boca. Dessa vez houve o começo de um sorriso.

— É um nome antigo.

— Isso acontece com os nomes ruins.

O sorriso sumiu quando Chad apontou para a assinatura.

— Minha fundação faz parte?

— Não. Michael financiou trabalhos fora dela e alguns por meio de parcerias. Sua fundação tem um conselho, equipes e uma atividade própria. O que Irene administra é o que está nos programas.

— Você conhece Irene.

— Conheci trabalhando com Michael.

Chad olhou para o telefone no bolso. Queria abrir a conversa, verificar se a mulher continuava no mesmo mundo em que a deixara às nove e seis.

— Meu pai sabia tudo?

Peter demorou.

— Não tudo que sei. Conhecia os projetos com os quais se envolvia.

— E concordava?

— Às vezes. Seu pai não era uma pessoa muito econômica quando discordava.

— Com dinheiro era.

— Também retirava dinheiro.

A resposta desarrumou a sequência que Chad começara a montar. Financiamento, segredo, avião. Tornou à fotografia apagada na parede.

Peter acompanhou seu olhar.

— Não tenho nada que transforme o acidente numa punição, Chad.

— Eu não disse isso.

— Eu sei.

Chad odiou que tivesse percebido. Peter introduzira o avião naquela conversa; agora tudo parecia ameaçador.

— Então não usa o avião de novo.

— Está bem.

O conjunto de documentos trazia fotografias de cultivo. Chad distinguiu folhas conhecidas entre plantas que não saberia nomear. Viu um tecido verde sobre uma bancada, recipientes identificados, luvas penduradas para secar.

— Maconha?

— Cannabis faz parte do trabalho.

— Imagino que você também saiba disso sobre mim.

Peter não fingiu não entender.

— Sei que usa.

Chad afastou a fotografia.

— Comecei depois. Depois deles.

— Entendi.

— Não veio do meu pai.

— Não disse que veio.

A contenção do homem o irritava. Quase preferia uma acusação contra a qual pudesse se defender. Peter foi até a janela e ajustou a persiana; a faixa de sol que cortava o rosto de Chad deslocou-se para o chão.

O alívio veio antes de qualquer agradecimento. Ele não agradeceu.

— Como sabia que a luz estava me incomodando?

— Você fecha o olho esquerdo quando olha para mim.

Chad percebeu que ainda o fazia. Abriu os dois.

Peter voltou a sentar, agora na cadeira ao lado da mesa, sem o móvel inteiro entre eles. Não se aproximou mais.

— Há trabalho que pode ajudar a compreender o que acontece com você. Conheço pessoas que levam isso a sério.

— Meu médico leva a sério.

— Ótimo.

— Não fala assim.

Peter apoiou as mãos nos joelhos. Tinha uma unha cortada rente demais, a pele vermelha junto à borda.

— Quero que conheça um lugar antes de decidir o que pensa dele.

Chad olhou para as plantas da fotografia. Às vezes, depois de usar cannabis, sentia que o jardim mudava de escala sem mudar de tamanho. Em outras, nada acontecia além da garganta seca, de fome, de uma música que parecia nova. Nunca sabia que experiência estava procurando até alguma coisa faltar.

— Às vezes vejo... — começou.

Peter ergueu levemente a cabeça.

Foi esse movimento, a atenção imediata, que o fez continuar.

— Não é ver. A planta lá embaixo parece que está aqui.

Abriu a mão sobre a coxa. A lembrança da gota na folha voltara com uma nitidez alegre que o constrangeu diante do homem de terno.

Peter olhou para a mão.

Chad fechou-a.

— Esquece.

— Não precisa explicar agora.

O telefone tornou a vibrar sobre a mesa. Peter recusou a ligação. Chad já lhe dera mais do que pretendia; o silêncio seguinte parecia uma forma de esperar pelo resto.

— Você vai ficar perguntando até eu dizer alguma coisa que sirva?

O homem se levantou, desta vez para atender à assistente que batera à porta. Ela disse baixo que aguardavam havia vinte minutos. Peter olhou o relógio.

— Eu retorno.

— Preciso dar um horário.

Por um instante Chad viu o aborrecimento atravessar o rosto dele. Peter olhou de novo para a mesa, para os documentos espalhados, e disse que ligaria ao meio-dia. A assistente assentiu e saiu.

Quando voltou, Peter deixou a porta entreaberta.

— Quero que venha treinar. Não só conversar comigo. Há coisas que pode aprender a fazer sem depender do que eu lhe conto.

— E o que você ganha?

— Você por perto.

O homem disse isso antes da resposta mais longa. Pareceu perceber e não a retirou.

Chad ficou olhando para ele.

— Por quê?

— Recebi notícias de consultas sobre você. Sobre a fundação. Há interesses que não quero ver chegar primeiro.

— De quem?

Peter puxou o ar. Chad reconheceu o preparo da recusa.

— Não vou lhe dar nomes sem poder mostrar o que fizeram.

— Então chega primeiro e só depois me diz de quem devo ter medo.

— Sim.

— Para de concordar como se isso consertasse.

Peter afastou a cadeira com força suficiente para produzir um ruído. Ficou em pé ao lado dela e, por alguns segundos, pareceu não ter onde pôr as mãos.

— Você tem razão de estar zangado — disse, e parou ao ver o rosto de Chad. — Está bem. Não vou repetir.

Do corredor veio a risada da assistente, curta, dirigida a outra pessoa.

Chad recolheu a fotografia de Michael.

— Se eu não quiser a sua Ordem, posso ficar com isso?

— Pode.

— Posso falar com Helga?

— Claro.

— Posso voltar aqui e perguntar sobre eles sem aceitar trabalhar para você?

Peter encostou os dedos no encosto da cadeira.

— Pode.

Chad queria acreditar naquela última resposta. Esse desejo era pior que a ameaça difusa de alguém procurando por ele. Tinha passado três anos recebendo uma mudança no rosto das pessoas quando dizia o nome dos pais. Peter conseguia falar de Sandy esperando a última cadeira, de Michael reclamando de outra via. Estava vivo e sabia coisas que não terminavam na queda.

— Quero as referências da viagem hoje.

— Vou mandar.

— Vou conferir antes de voltar.

— Está bem.

Ele começou a guardar os papéis. Peter lhe passou uma pasta vazia. Chad pôs as fotos entre as folhas maiores, alinhou os cantos com mais

cuidado do que teria usado em qualquer documento do conselho.

— Na estufa ainda trabalham? — perguntou.

— Parte do projeto continua. Mudou bastante.

— Meu pai ia lá fazer o quê?

— Pergunte a Helga. Ela vai gostar mais de contar do que de me ouvir contar errado.

Havia ternura no modo como Peter olhou para a fotografia antes de Chad cobri-la. Quis perguntar se sentia falta dos dois. A pergunta era íntima demais para aquela sala; íntima demais depois do e-mail, e mesmo assim ficou presa atrás dos dentes enquanto procurava o telefone e a carteira.

Na porta, Peter segurou a folha que quase escapara da pasta.

Seus dedos se tocaram por um instante.

— Por que você parece... — Chad começou.

O homem esperou.

— Parece que me conhece.

Peter lhe devolveu a folha.

— Acompanho sua vida há muito tempo.

— Não foi isso que perguntei.

Ao longe, o elevador avisou que chegara. Peter olhou na direção do som, depois para ele.

— Gostaria de ter chegado de outro jeito.

— Você escolheu esse.

Chad saiu antes que o homem concordasse.

Na descida, apertou a pasta contra o corpo. O cartão provisório enroscou no bolso. Puxou-o com impaciência e ficou com uma pequena marca vermelha no dedo. Precisava devolvê-lo à recepção; precisava

lembrar em que piso estacionara. A soma de coisas simples quase o fez rir.

Lá fora, atravessou até um café e sentou de frente para a torre. Pediu água, um sanduíche e um lugar onde pudesse carregar o telefone. Quando a atendente trouxe o pedido, afastou a pasta depressa para que ela não pousasse o prato por cima.

Irene enviara o resultado da reunião. A proposta fora aprovada; haveria revisão ao fim de seis meses. Equipes teriam acesso às cópias, as visitas deixariam de ser regulares, sua manifestação seguia nos anexos.

Chad leu tudo. Respondeu que recebera.

Depois escreveu para Joana: Saí da reunião. Vou comer antes de voltar. Está tudo bem para eu dirigir.

Apagou a última frase. Escreveu apenas que chegaria à tarde e enviou.

A resposta demorou três minutos: Certo.

Comeu metade do sanduíche. O papel rasgara, o molho escorria por baixo e ele não tinha vontade de arrumar. Abriu a pasta entre o prato e a parede.

Michael ria dentro da estufa.

Chad observou a camisa manchada, a manga desigual, os ombros fazendo esforço sob o peso da bandeja. Aproximou o rosto, como se pudesse ouvir a pessoa que estava do outro lado da câmera. O pai não sabia que aquela manhã um dia caberia num pedaço de papel.

Uma atendente perguntou se podia levar o prato. Ele assentiu sem olhar.

Só percebeu que ainda tinha fome depois que ela se afastou.

Guardou a foto, tirou o cartão do bolso e ligou para o instituto.

Fim da amostra gratuita — Prólogo, Capítulo 1 e Capítulo 2 de Green Veil: A Herança Oculta.

ONDE TERMINA A AMOSTRA GRATUITA

O Capítulo 3 começa aqui.

Chad guardou a foto de Michael, tirou o cartão do bolso e discou para o instituto. O que responde do outro lado abre o resto do livro — e amarra o século XIV a Florianópolis.

QUERO SER AVISADO QUANDO O LIVRO I ABRIR

https://greenveil-zeta.vercel.app/#pedido

Cadastre seu e-mail ou @ do Instagram na página oficial para receber o aviso em primeira mão assim que a edição completa estiver disponível.

Instagram @green_veil_universe · YouTube @GreenVeilUniverse · growxco@gmail.com